

GREENPEACE



ONDE ESSA MARE VAI DAR?

**Monitoramento das correntes de
superfície da Bacia da Foz do
Amazonas com o uso de derivadores**

CONTEXTO

Esta cartilha apresenta resultados de uma pesquisa realizada com boias de monitoramento, também chamadas de derivadores, na Bacia da Foz do Amazonas. A pesquisa foi realizada pelo Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA) em parceria com o Greenpeace Brasil, como parte da Expedição Costa Amazônica Viva.

Durante a expedição, lançamos sete derivadores na região para mapear as correntes marinhas de superfície, que são muito importantes para entender os riscos da exploração de petróleo na região. Esperamos que este material te ajude a entender melhor os possíveis impactos dessa atividade na Bacia da Foz do Amazonas.

Dos sete derivadores lançados, cinco alcançaram o litoral, com trajetos influenciados pelas correntes de maré e ventos. Alguns chegaram a percorrer mais de 1.500 km e chegaram até mesmo em outros países. Esses resultados oferecem informações valiosas sobre a dinâmica das correntes na região e nos ajudam a entender o porquê da luta por #PetróleonaAmazôniaNão.

PROCESSO DE MONITORAMENTO

Pesquisadores do IEPA, a bordo do veleiro Witness do Greenpeace, lançaram sete derivadores com GPS (Sistema de Posicionamento Global) na Bacia da Foz do Amazonas para estudar as correntes marinhas superficiais da região.





Mas, afinal, o que são derivadores?

O derivador é um aparelho eletrônico que, quando lançado na água, consegue monitorar as correntes de maré, gerando informações em tempo real sobre o ambiente aquático, como, por exemplo, temperatura, direção dos ventos e velocidade de deslocamento das águas.

Cada derivador recebeu o nome de uma espécie endêmica da costa amazônica. Suas rotas foram monitoradas, e os dados publicados diariamente em um mapa interativo.



CONHEÇA OS DERIVADORES

BOTO



CARANGUEJO-UÇÁ



GUARÁ VERMELHO

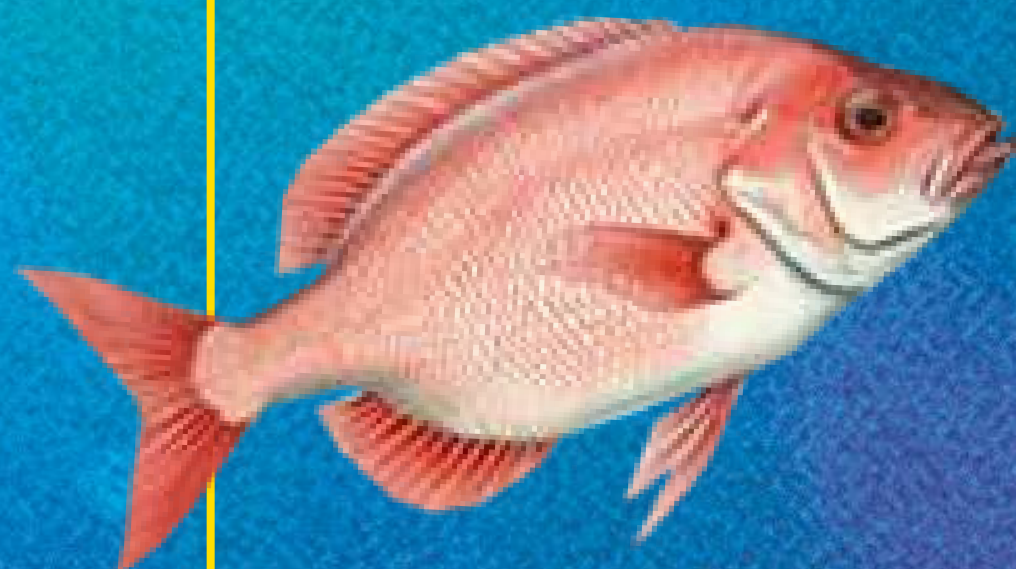


PARGO

PEIXE-BOI

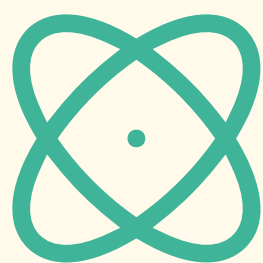
PESCADA AMARELA

TARTARUGA MARINHA



DESAFIOS ENCONTRADOS

CIÊNCIA



Os dados coletados pelos derivadores são importantes. Eles mostram que possíveis derramamentos de petróleo na bacia da Foz do Amazonas podem alcançar águas internacionais, impactando a biodiversidade marinha e os modos de vida das comunidades costeiras no Brasil e em outros países.

Luís Roberto Takiyama – Pesquisador do Núcleo de Pesquisas Aquáticas do IEPA:

“Muitos imaginam que o rio ‘corre para fora’ e que as correntes ‘expulsariam’ os derivadores para fora, mas não foi isso que aconteceu. Daí a importância desse ponto, para mostrar a complexidade da região e como essas águas são influenciadas por marés, ventos e ondas.”

SOCIAL



É importante destacar que o estudo nasce também para apoiar os diversos atores sociais que defendem seus territórios, como as comunidades indígenas (Galibi, Karipuna, Palikur, Waiãpi e Galibi Marworno), quilombolas (Kulumbu do Patuazinho e Cunani), e pesqueiras (Vila Velha do Cassiporé, Sucuriju e Bailique), além das comunidades dos municípios de Calçoene, Amapá, Pracuúba, Oiapoque, Tartarugalzinho e Cutias. Essas populações estão diretamente expostas aos impactos sociais negativos que esse modelo econômico de exploração e degradação pode trazer.

AMBIENTAL



226 hectares de extensão de manguezais no Amapá correm riscos caso ocorra um derramamento de óleo nesta região. Além disso, duas Unidades de Conservação estão diretamente expostas às ameaças da exploração de óleo: o Parque Nacional do Cabo Orange e a Estação Ecológica de Maracá Jipioca.

Luene Karipuna — Liderança Indígena, coordenadora executiva da Apoianp:

“Para além disso, é uma biodiversidade toda que representa nossa história, que representa nosso território, ele vai além do que foi demarcado pelo Brasil, não tem como definir nosso território em apenas um espaço pequeno, é o que gera alimento, é o que gera vida, é o que gera conhecimento principalmente.”

ONDE ESSA MARE VAI DAR?

DERIVADOR TARTARUGA MARINHA

Em apenas **26 horas**, já havia atravessado a fronteira com a Guiana Francesa. Percorrendo uma distância de cerca de **1.000 km**. Ele foi lançado sobre o bloco 59, a principal aposta da Petrobras para a exploração de petróleo na Bacia da Foz do Amazonas.



DERIVADOR BOTO

Lançado no bloco FZA-M-86, percorreu **52 km** e cruzou a fronteira com a Guiana Francesa em apenas **16 horas**. Em seguida, seguiu por águas caribenhas e internacionais e atracou na ilha Old Rhode Key, na Flórida.



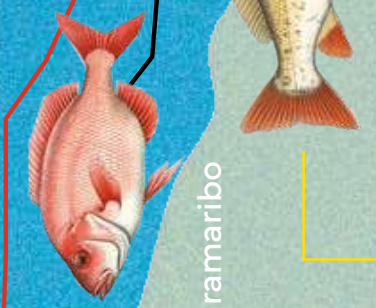
Esse movimento rápido de um derivador demonstra como uma eventual mancha de óleo poderia se espalhar rapidamente, complicando os esforços de resposta e mitigação.



DERIVADOR GUARÁ VERMELHO

Sendo o último a ser lançado, o derivador chegou à costa da Guiana após trafegar por **15 dias**, percorrendo **960 KM**.

Georgetown



Paramaribo

GUIANA

GUIANA FRANCESA

DERIVADOR PARGO

Encalhou na costa de Sinnamary, na Guiana Francesa, após percorrer uma distância de **557 km** em **9 dias**. Esse trajeto é quase duas vezes a distância entre Manaus e Belém.

DERIVADOR CARANGUEJO-UÇÁ

Foi lançado na Foz do Rio Amazonas e atracou na margem da Reserva Biológica do Lago Piratuba, no Amapá, após **06 dias**. Ele fez movimentos circulares no sentido anti-horário e, aos poucos, foi indo para o oeste até chegar no Cabo Norte.

Assim como na costa amazônica brasileira, grande parte do litoral da Guiana Francesa é composto por manguezais, e muitas comunidades dependem dos recursos aquáticos para alimentação e renda.

DERIVADOR PESCADADA AMARELA

Viajou **640 KM**, sentido noroeste e demorou **9 dias** para chegar ao litoral do Suriname.

DERIVADOR PEIXE-BOI

Lançado em águas rasas da Bacia da Foz do Amazonas, percorreu **800 km** em **10 dias** até a APA do Arquipélago do Marajó. A rota é contrária à ideia de que o derivador seria expulso para fora.

Belém

BRASIL

Manaus

São Luís



GREENPEACE

- Ponto de lançamento dos derivadores
- Rota Pescada Amarela
- Rota Boto
- Rota Tartaruga Marinha
- Rota Guará Vermelho
- Rota Pargo
- Rota Peixe-Boi
- Rota Caranguejo-Uçá
- Limite Lateral Marítimo
- Grande Sistema Recifal
- Terras Indígenas
- Blocos em contrato
- Vegetação de mangue
- Blocos em oferta permanente
- Blocos em estudo



Além do Bloco FZA-M-59, mencionado nessa cartilha, existem mais de 200 blocos de petróleo em concessão ou em estudo na região, e, se depender da indústria de óleo e gás, tudo isso será perfurado. É importante também considerar o impacto do transporte de óleo, seus derivados e das atividades de exploração e produção de petróleo em toda a Margem Equatorial. É fundamental fortalecer a ciência e investir em novas pesquisas que possam contribuir com a conservação ambiental e bem-estar das comunidades locais dessa região.



#Petróleo na Amazônia Não!

GREENPEACE BRASIL

Carolina Pasquali —
Diretora Executiva

Raissa Ferreira — Diretora
de Programas

Mariana Andrade —
Coordenadora Frente de
Oceanos

Denison Ferreira —
Campaigner Frente de
Oceanos

Tais Terra — Engajamento
Frente de Oceanos

Bianca Cavalcante —
Pesquisadora

INSTITUTO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS E TECNOLÓGICAS DO ESTADO DO AMAPÁ - IEPA

Luís Roberto Takiyama —
Pesquisador

**Cartilha desenvolvida
a partir do Relatório do
Instituto de Pesquisas
Científicas e Tecnológicas
do Estado do Amapá, com
Apoio do Greenpeace,
durante a Expedição Costa
Amazônica Viva em 2024.**

GREENPEACE